

## A HISTÓRIA MEDIEVAL NOS LIVROS DIDÁTICOS PELAS “LENTES” DA HISTÓRIA DAS MULHERES E DOS ESTUDOS DE GÊNERO – NOTAS INICIAIS DE PESQUISA

*Rafaela Limberger<sup>1</sup>*

*Gabriela Schwengber<sup>2</sup>*

Renasci foi das cinzas das guerreiras  
Pela mesma missão que me desfez  
Ver meu corpo no chão mais uma vez  
Reforçando o poder da terra santa  
Pois quem queima em seu solo depois planta  
Dá lugar pra raiz vingar sua fruta [...]  
Banda Mulamba – P.U.T.A

### RESUMO

O objetivo desse trabalho é propor uma pesquisa inicial das narrativas e abordagens referente às mulheres no período medieval através de cinco livros didáticos de ensino de História, considerando que esses ocupam um espaço de centralidade na orientação do currículo do ensino básico. Através dessa proposta foi possível perceber as diferentes narrativas construídas pelos autores de tais materiais didáticos. De maneira geral, as mulheres medievais são mencionadas brevemente nos capítulos, principalmente no que concerne a instituição do casamento e enquanto força de trabalho nos campos ou centros urbanos. No entanto, as lacunas deixadas não devem ser empecilhos para que a história das mulheres seja largada ao silenciamento. As produções historiográficas contemporâneas contribuem com novas fontes e narrativas a respeito da temática, podendo ser utilizadas para construção do conhecimento em sala de aula. Dessa forma, coloca-se um exemplo de possível abordagem através de declarações da atual ministra da pasta da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damara Alves, relacionando-as com os discursos da Igreja católica sobre as mulheres no período medieval.

**Palavras-chave:** Ensino de História. História das mulheres. História medieval.

### ABSTRACT

The objective of this work is to propose an initial research of the narratives and approaches referring to women in the medieval period through five history teaching textbooks, considering that these occupy a central place in the orientation of the basic education curriculum. Through this proposal it was possible to perceive the different narratives constructed by the authors of such teaching materials. In general, medieval women are mentioned briefly in the chapters, mainly with regard to the institution of

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Graduada em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Graduanda em Licenciatura em Educação no Campo pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: rafaelalimberger@mx2.unisc.br.

<sup>2</sup> Graduada em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. E-mail: gabrielaschwengber2@gmail.com.

marriage and as a labor force in the fields or urban centers. However, the gaps left should not be obstacles to women's history being left to silence. Contemporary historiographical productions contribute new sources and narratives about the theme, which can be used to build knowledge in the classroom. In this way, an example of a possible approach is put forward, through statements by the current Minister of Women, Family and Human Rights, Damara Alves, relating them to the Catholic Church's discourses on women in the medieval period.

**Keywords:** History teaching; History of women; Medieval history.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as abordagens e narrativas que os livros didáticos trazem referentes às mulheres no período medieval, averiguando de que maneira esses sujeitos são retratados na produção historiográfica. Tendo em vista a própria dinâmica do conhecimento histórico escolar, busca-se, também, apresentar um exemplo de como essa temática poderia ser abordada em sala de aula, visando contribuir para a construção de um pensamento crítico e reflexivo, percebendo as mulheres enquanto sujeitos históricos ativos, além de auxiliar na compreensão de demandas contemporâneas frente as relações de gênero.

Em vista disso, foi realizado um levantamento prévio inicial de capítulos que se direcionavam para a história medieval de cinco livros didáticos de História, tanto de Ensino Fundamental quanto de Ensino Médio, dos quais se teve acesso durante os períodos de estágio da graduação. Sendo esses: *Jornadas.hist* (2012) de autoria de Maria Luisa Vaz e Silvia Panazzo; *História Hoje* (2007) de Odimar Pontes Cardoso; *História Volume Único* (2008) de autoria de Gislaíne Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi, *História Sempre Presente* (2010), de Lizânea de Souza Lima e Antônio Pedro e, por fim, *História em Movimento Vol. 1* (2013), de Gislaíne Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi.

O levantamento realizado, ainda que em fase inicial, permitiu identificar nos livros didáticos tomados como referência a presença ou não, sobretudo nos conteúdos de história medieval, da história das mulheres do período. Visto que já existe, na produção historiográfica, um conjunto significativo de investigações e pesquisas relativa à temática das mulheres e das questões de gênero, procurou-se considerá-los para a composição deste artigo. Ou seja, utilizou-se dessas produções como

“lentes” de leitura para o levantamento realizado, no sentido de contrapor, complementar e problematizar esses conteúdos e suas formas de abordagem.

Entende-se que a abordagem acerca da história das mulheres no período medieval nos livros didáticos é ainda razoavelmente escassa. Compreendendo o livro didático como um agente que, na prática, acaba por fazer o papel de direcionador e organizador do currículo escolar, considera-se importante que professoras e professores que atuam no ensino fundamental e médio tenham em mente a possibilidade de sempre problematiza-lo, complementá-lo e contrapô-lo às diferentes e diversas realidades e contextos escolares.

Assim, ao utilizar-se dos estudos de gênero como uma “lente” de leitura, o que se pretende não é hierarquizar os conhecimentos – escolar e acadêmico – mas problematizar a (in)existência desses conteúdos, já quando de uma produção historiográfica considerável, além de sugerir às professoras e professores possibilidades de incremento didático em temas que são prementes ao contemporâneo, como a desconstrução de preconceitos que estão imbuídos nas relações sociais. Nesta linha de pensamento destacam-se, sobretudo, os estudos de gênero que se fazem valer, e muito, do conhecimento histórico. Através do conhecimento histórico percebe-se que as diferenças de gênero são históricas e culturais, apresentando transformações e permanências no decorrer da história da humanidade. Mesmo que alguns fatores significativos tenham sido conquistados por movimentos de mulheres e outras minorias, como o direito à educação e ao voto, por exemplo, entendemos que a verdadeira e plena equidade de gênero ainda é uma conquista distante, considerando que a sociedade contemporânea ainda é repleta de violências e repressões contra as mulheres.

Tendo em vista esses aspectos, escolheu-se trabalhar com a temática das mulheres medievais por se tratar de uma questão que atinge diretamente professoras, estudantes, meninas e mulheres, e indiretamente aos professores, homens, meninos, que vivem o cotidiano escolar. Pois é necessário que os profissionais da área da educação explorem em sala de aula a agência das mulheres em diferentes conteúdos e contextos históricos abordados, para que os discentes possam construir o conhecimento de forma mais crítica, tanto no ensino básico quanto no superior.

## **2 A PROFESSORA E O PROFESSOR DE HISTÓRIA ENSINAM: PARA QUEM? O QUE ENSINAR? PARA QUÊ ENSINAR?**

Enquanto docente no ensino de História, faz-se necessário refletir constantemente as práticas adotadas em sala de aula, compreendendo que “[...] o conhecimento histórico seve para nos fazer entender, junto com outras formas de conhecimento, as condições de nossa realidade, tendo em vista o delineamento de nossa atuação na história” (BORGES, 1981, p. 45), para assim auxiliar na construção de discentes conscientes e que se percebam enquanto sujeitos históricos.

Considerando isso, Maria Auxiliadora Schmidt também coloca que o “ensinar história passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História” (SCHMIDT, 1998, p. 57). Nesse sentido, enquanto docente há a necessidade de ensinar a diversidade de pontos de vista, a questionar e problematizar temáticas, desnaturalizar as narrativas tidas enquanto fatos, é “lançar os germes do histórico” (1998, p.57), conforme coloca a autora. Abordar diferentes períodos históricos a partir da perspectiva da história das mulheres faz-se relevante para reafirmar que “as mulheres são sujeitos históricos legítimos” (1989, p. 6), conforme coloca Joan Scott. Porém constantemente “seu estatuto permanece marginal em relação ao conjunto da disciplina” (SCOTT, 1989, p. 5), visto que “a história foi a história dos homens, vistos como representantes da humanidade” (THÉBAUD; PERROT; DUBY, 1990, p.12) enquanto a história das mulheres é tida como uma história sem relevância e que não integra a narrativa histórica tradicional, deixando assim as mulheres a sombra (THÉBAUD; PERROT; DUBY, 1990, p. 8).

No entanto, há autores e autoras que utilizam tal perspectiva para a construção de narrativas históricas, como o historiador José Rivair Macedo no livro *A mulher na Idade Média* (1990). Em tal obra, o autor coloca que a mulher no medievo era essencialmente ligada a três modelos femininos: ao da Eva – mulher proveniente de Adão, responsável pelo pecado original; ao da Madalena – pecadora redimida e ao da Virgem Maria – uma figura maternal e santificada.

Muitos intelectuais do período, como Santo Agostinho, São Jerônimo e os inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger – responsáveis por escrever *Malleus Maleficarum*, um manual de como reconhecer as bruxas em seus variados disfarces, explicando processos, etapas e formas de condená-las – utilizavam-se de tais

modelos míticos e o pecado original, para assim, comprovar e naturalizar a inferioridade feminina.

Porém, faz-se importante ressaltar que as mulheres medievais não estavam totalmente excluídas da sociedade decorrente da responsabilidade pela reprodução e conseqüentemente, continuação da família – função importante na estabilidade social em uma sociedade de ordens. Elas foram sim, “marginalizadas”, mas não se categorizariam nos “desprezados” (LE GOFF, 1983, p. 171).

A autora Marta de Carvalho Silveira, em *A representação da Mulher Medieval nos Livros Didáticos: uma visão comparativa* (2017, p. 96), ressalta que quando

[...] se fala e se pensa na ‘mulher medieval’, é preciso levar em consideração a pluralidade de sujeitos contidas nesta categoria analítica. A heterogeneidade do mundo feminino medieval ainda precisa ser explorada, a fim de que se mergulhe cada vez mais em análises mais próximas do que se imagina que fosse a realidade enfrentada por estas mulheres no seu cotidiano e se rompa com análises generalizantes que tendem a entender as mulheres como uma categoria única e universal.

Outras produções acadêmicas e narrativas historiográficas propõem essa perspectiva a respeito do período medieval, como é o caso dos artigos *Direitos e deveres das mulheres e dos homens na Idade Média: o testemunho dos costumes e foros portugueses* (2015) de Alice Tavares e *As Filhas de Eva: religião e relações de gênero na Justiça medieval portuguesa* (2011) de Edlene Oliveira Silva.

Através da análise de tais produções, é possível compreender que o período dito enquanto “obscuro” da História trouxe acontecimentos que compunham uma sociedade complexa. Apesar das mulheres medievais estarem em situação de desigualdade em relação aos homens, ainda existiam exceções e capacidade de agências. Se tais perspectivas fossem abordadas com os discentes, propiciaria afirmações de que o período não fora “obscuro”, e sim, constitui-se como um dos grandes precursores em questões contemporâneas.

Portanto, ao transpor o conteúdo para a sala de aula há a possibilidade de abordar as mulheres no período medieval através de acontecimentos e temáticas em efervescência contemporaneamente, afinal segundo coloca Celso dos S. Vasconcellos (1992, p. 2), para a construção conhecimento é necessário:

[...] possibilitar o vínculo significativo inicial entre sujeito e o objeto ('approche'), provocar, acordar, desequilibrar, fazer a "corte". O trabalho inicial do educador é tornar o objeto em questão, objeto de conhecimento para aquele sujeito. [...] Trata-se de estabelecer um primeiro nível de significação, em que o sujeito chegue a elaborar as primeiras representações mentais do objeto a ser conhecido.

Sendo assim, conforme propõe o autor, ao utilizar a metodologia dialética, o processo de ensino aprendizagem se desenvolve com maior aceção por parte dos discentes, fazendo com que esses construam um conhecimento acerca das mulheres no período medieval, compreendendo seus nuances e complexidades.

### **3 LIVROS DIDÁTICOS, HISTÓRIA MEDIEVAL E HISTÓRIA DAS MULHERES**

É inegável que o livro didático se configura “enquanto centro gravitacional articulador e formador do currículo e da sequência das temáticas a serem trabalhadas na disciplina de história no ambiente escolar” (CAIMI, 1999, p.13). No entanto, as abordagens presentes nesses livros são construídas através de determinadas perspectivas teóricas e políticas - portanto não possuem neutralidade, afinal, há uma seleção de conteúdos, abordagens e vertentes teóricas feita pelos autores.

Frequentemente, a história das mulheres não é concebida enquanto uma temática relevante ao ensino de história, sendo abordada de forma sucinta ou reforçando estereótipos ligadas ao matrimônio e subserviência a figuras masculinas, ou até mesmo nem constando no material didático.

Aqui, o enfoque é analisar se e de que maneira as mulheres eram mencionadas no conteúdo de história medieval. Para isso, foram utilizados cinco livros a que tivemos acesso através dos estágios acadêmicos, sendo esses: *Jornadas.hist* (2012) da autora Maria Luisa Vaz e Silvia Panazzo, o *História Hoje* (2007) de Odimar Pontes Cardoso, *História Volume Único* (2008) de autoria de Gislaíne Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi, *História Sempre Presente* (2010), de Lizânea de Souza Lima e Antônio Pedro e por fim, *História em Movimento Vol. 1* (2013), de Gislaíne Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi.

O livro *Jornadas.hist* (2012), que possui o enfoque ao Ensino Fundamental, foi elaborado por duas autoras mulheres, Maria Luisa Vaz e Silvia Panazzo (2012, p. 96)

e aborda a temática das mulheres medievais em uma única página e de maneira sucinta:

Nas sociedades europeias da Idade Média a situação das mulheres não foi única. Ela era diferente no campo e na cidade, em cada reino, e mudou de acordo com a época. Além disso, a vida, os costumes e as funções desempenhadas pelas mulheres dependiam do grupo social ao qual pertenciam (VAZ; PANAZZO, 2012, p. 96).

A partir daí, as autoras mencionam brevemente a vida e ocupações de mulheres camponesas, bem como abordam a Guerra dos Cem Anos e nesse contexto, a figura da Joana d'Arc, que foi condenada e morta na fogueira devido as acusações de bruxaria em 1431.

No livro *História Hoje* (2007), elaborado para discentes de Ensino Fundamental, de autoria de Odimar Pontes Cardoso e o livro *História Volume Único* (2008), que possui enquanto público o ensino médio, por Gislaine Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi, não há nenhuma sessão ou menção às mulheres medievais, apesar de abordarem tal período histórico.

Em *História Sempre Presente* (2010), desenvolvido para ensino médio e de autoria de Lizânea de Souza Lima e Antonio Pedro, os capítulos são organizados por temáticas, constando um intitulado *Igreja, família e sexualidade na Europa Medieval* (p. 297). Esse inicia-se com uma mobilização, estabelecendo relação entre o presente e passado através de uma fotografia de um movimento feminista em Paris de 2009, além de constar um texto no qual os autores pontuam a relevância da compreensão das relações sociais através da História para contribuir na construção de sociedades mais justas e igualitárias.

Assim, os autores passam a abordar a temática das mulheres medievais de maneira transversal em diversos subtítulos: há a contextualização dessas nos núcleos familiares germânicos e romanos, em que de maneira geral, as mulheres estavam submetidas as ordens masculinas, mas aquelas que eram provenientes de famílias aristocráticas, possuíam algumas liberdades, mesmo que jamais relacionada à sexualidade.

Em relação ao matrimônio, coloca-se o mesmo enquanto regulamentador das relações entre homens e mulheres, agindo enquanto ordem sob a sexualidade e procriação, além de que estabelecia uma disputa masculina pelas mulheres. Outro

ponto abordado são as duas visões cristãs sobre o casamento: na primeira delas, herdada do Cristianismo primitivo, o matrimônio não é recomendado, pois este inevitavelmente estaria manchado pelo prazer sexual. Porém, reconhecendo a importância deste na ordem social, procurou-se resgatar seus pontos positivos. Nessa segunda concepção, o casamento é positivado e a reprodução colocada enquanto finalidade. Todavia, permanece a desigualdade social, em que a mulher deve estar submissa ao homem decorrente de uma designação divina, afinal, segundo Santo Agostinho, as mesmas constituíam a parte sensual da condição humana.

Os autores também desenvolvem uma análise sobre a comum prática da concubinação, tal que multiplicava o sangue nobre com um grande número de herdeiros bastardos, pois permitia manter o patrimônio aos filhos da esposa legítima. Havia outras questões como a utilização das severas leis referentes ao incesto para conseguirem o divórcio, que era proibido, caso houvesse um casamento mais vantajoso.

Lizânea de Souza Lima e Antônio Pedro também dedicaram parte do capítulo para discorrer a respeito da renovação dos ensinamentos da Igreja católica no século XI, que trouxe transformações na estrutura familiar, definindo o casamento como monogâmico, indissolúvel e sagrado. Aborda-se assim, as resistências que emergiram socialmente às tentativas dos nobres de controlar os casamentos, como os movimentos heréticos – estes, constituídos por populações urbanas, clérigos contra as imposições de seus superiores, filhos desertados e claro, por mulheres. Este movimento foi severamente perseguido e destruído pela Igreja, culpabilizando essencialmente as mulheres, considerando-as como “eternas Eva’s que levam a perdição” (p. 306).

Logo em seguida, há um subtítulo específico a respeito do *O conhecimento sobre a mulher produzido pela Igreja*. Nesse, apresenta-se que a produção dos discursos a respeito das mulheres no período medieval foi construída por homens da Igreja, que os utilizavam para impor valores e condutas sociais, bem como inferiorizar o corpo feminino. O pensamento desses homens da igreja, afirmava que “a mulher trazia no próprio corpo as marcas de sua inferioridade, quando não dos seus malefícios [...]. A mulher seria um tesouro a ser protegido e preservado, pois seria fácil de se perder. Daí a necessidade de reprimir, vigiar e enclausurar” (p. 308).

Por fim, o livro *História em Movimento Vol. 1* (2013), desenvolvido para o primeiro ano do Ensino Médio por Gislaíne Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi, aborda de maneira sucinta temas que mencionam as mulheres na ordem medieval, possuindo enquanto enfoque a questão do casamento e sua importância como forma de fortalecer alianças. Também há alusão às mulheres trabalhadoras, que exerciam ofícios no campo ou centros urbanos.

Levando em consideração os livros analisados, três desses materiais didáticos mencionam as mulheres no período medieval. Faz-se relevante mencionar que tais livros contam com a autoria de mulheres, o que possibilita que se faça algumas reflexões a respeito do silenciamento dessas no processo histórico em obras de autoria masculina, da mesma forma que pode-se propor que enquanto historiadoras existe a tentativa de se perceber enquanto sujeitos atuantes nos períodos históricos.

Dentro os livros analisados, o que possui uma abordagem mais complexa, profunda e de maior número de páginas é o *História Sempre Presente*. No entanto, de maneira geral, nas obras demais obras que há referência às mulheres no medievo, essas são relacionadas a instituição do casamento e enquanto força de trabalho. Compreende-se que esse silenciamento e escolhas de narrativas ocorre tanto pela história medieval ser um conteúdo extenso, mas também pelas mulheres não serem consideradas enquanto sujeitos relevantes e transformadores nos processos históricos.

Dessa forma, é imprescindível considerar que:

O livro didático da História deveria ser mais um instrumento de trabalho, entre outros, no interior das salas de aula brasileiras. Ele deveria ser uma fonte de consulta confiável e atualizada e também ser empregada como objeto de investigação, por meio do qual seus conteúdos fossem continuamente problematizados, por alunos e professores, e suas interpretações históricas dessacralizadas e criticadas (LIMA, 1998, p. 205).

Sendo assim, a ausência das mulheres nos livros didáticos de História pode ser mencionada e problematizada em sala aula, além do docente fazer uso de outras fontes, pesquisas contemporâneas e materiais para tal abordagem. Dessa forma, expõe-se aqui, uma possibilidade de como abordar essa temática em turmas de ensino médio.

#### **4 HISTÓRIA MEDIEVAL E HISTÓRIA DAS MULHERES PELAS “LENTES” DOS ESTUDOS DE GÊNERO: POSSIBILIDADES EM RELAÇÃO AO LEVANTAMENTO INICIAL REALIZADO**

Considerando que as percepções de tempo na área da História são complexas, visto que existe uma interlocução entre tempo presente e passado, afinal os questionamentos, análises de fontes e narrativas do historiador se constroem na atualidade a respeito de processos históricos que já se passaram. Conforme os autores Carla e Jaime Pinsky (2012, p. 23):

O passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietaram no presente (caso contrário, estudá-lo fica sem sentido). Portanto, as aulas de História serão muito melhores se conseguirem estabelecer um duplo compromisso: com o passado e o presente.

Dessa forma, o docente pode abordar assuntos e debates contemporâneos para voltar-se ao período medieval, estabelecendo comparações, destacando mudanças e outros aspectos. Contribuindo para que os discentes, a partir dessa relação, consigam desenvolver o conhecimento e relações do conteúdo associando-os ao seu cotidiano e sociedade. Assim, um exemplo de possível abordagem para trabalhar as mulheres no período medieval, é através da utilização de notícias e falas de representantes do âmbito político brasileiro, como da ministra Damares Alves.

Damares é pastora e, de acordo com as informações do *website* do governo federal, formada em direito pela Faculdade de Direito de São Carlos e em Pedagogia, pela Faculdade Pio Décimo. É responsável pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, que tem enquanto objetivo a “articulação interministerial e intersetorial das políticas de promoção e proteção aos Direitos Humanos no Brasil” (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2020). Esse ministério é resultado da extinção das Secretarias Especiais da Presidência da República, que se dividiam em Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria de Políticas para Mulheres, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e a Secretaria Nacional da Juventude. A medida adotada pelo governo Bolsonaro a partir de sua posse em 2019, “busca de ação integrada entre os diversos órgãos, evitando-se ações incoerentes e incompatíveis no âmbito da alta administração federal” (BRASIL, 2019).

Dentre as inúmeras declarações polêmicas da ministra, durante uma audiência pública da Comissão de Defesa dos Direitos das Mulheres na Câmara, ela afirmou que “dentro da doutrina crista, [...] nós entendemos que um casamento entre homem e mulher. O homem é o líder do casamento” (G1, 2019). A problemática de uma declaração dessa conotação de uma figura política, com alcance nacional e até internacional, é que acaba por reforçar e banalizar as estruturas sociais de poder e relações desiguais de gênero, mesmo que dentro do âmbito religioso.

Ao levar tal reportagem para a sala de aula, há a possibilidade de debater e problematizar tais aspectos da fala da Ministra, afinal, em seu discurso se reafirma a posição da mulher apenas enquanto submissa e sujeita ao homem, engessando-a. A fala da ministra Damares pode ser relacionada à abordagem da historiografia tradicional referente as mulheres na idade média, que retratam-nas enquanto sujeitos submissos as ordens da Igreja e do casamento, anulando a complexidade do período, bem como a possibilidade de agência, organização ou resistência por parte das mesmas.

Pode-se também levar outras notícias e informações atuais que se encaixem no recorte temático estabelecido para o desenvolvimento da aula e fomentação do debate, como por exemplo, a articulação de uma campanha nacional para combater a gravidez na adolescência e as infecções sexualmente transmissíveis, iniciada em dezembro de 2019. Enquanto sugestão para essa questão, a ministra Damares propôs a abstinência sexual, sugerindo aos professores como trabalhá-la com os adolescentes:

Pega uma fita adesiva e cola no braço do adolescente, faz uma roda e manda tirar e colar no braço de outro e (depois) de outros. Daqui a pouco, na quinta ou na sexta pessoa, a fita não gruda mais. Assim é nossa alma: fica larga. Tem uma hora que a menina não cola com ninguém, sua alma não cola com ninguém (ZERO HORA, 2020).

Além dessa fala reforçar o tabu em torno da sexualidade, pode-se relacionar com as figuras de Madalena e Eva que estavam presentes nos discursos clericais sobre as mulheres medievais. Ademais, segundo o historiador José Rivair Macedo, existia a “preocupação constante dos religiosos com a opressão ou controla da sexualidade. [...] Para eles o pecado da luxúria presidia unicamente no corpo feminino” (MACEDO, 1992, p. 44).

Acerca desses apontamentos, pode-se pensar aproximações e distanciamentos entre as falas da ministra Damares e os discursos que a Igreja construía referente às mulheres no período medieval. Essa forma de abordar e desenvolver o conteúdo vai além do livro didático, indo ao encontro do que Celso Vasconcellos (1992) propõe para que o ensino de História torne-se mais significativo aos e às estudantes quando a mobilização para o conhecimento parte do cotidiano e da realidade dos mesmos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme apontam as análises realizadas em cinco livros didáticos de História, percebe-se que em dois deles as narrativas destinadas às mulheres medievais relacionam-se a instituição do casamento ou a suas forças de trabalho, abordando de forma breve essas temáticas. Em outros dois materiais didáticos não há a menção das mesmas, merecendo destaque apenas um dos livros, que aborda de maneira mais complexa e profunda a participação das mulheres nesse período histórico.

Entende-se que o livro didático desempenha um papel de significativa importância e centralidade no âmbito escolar – influenciando currículos e a sequência dos assuntos abordados em aula, no entanto, seu papel deve ser enquanto auxiliar no ensino e não fonte de uma verdade absoluta. Sendo assim, o docente deve se embasar em outros materiais, fontes e pesquisas para o desenvolvimento de suas aulas, o que o permite trazer à tona temáticas que foram silenciadas na produção dos livros didáticos e da historiografia tradicional.

É inegável a relevância de se fazer a relação entre presente e passado para o desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula, construindo paralelos que tragam significado e pertencimento aos discentes. Utilizar as declarações da ministra Damares, relacionando-as com os discursos da igreja católica no que se refere as mulheres é uma maneira de aproximação entre os discentes e o objeto de estudo. Embasando-se também em produções historiográficas mais recentes para embasar e desenvolver essa temática.

A história medieval, que durante muito tempo foi considerada um período de estagnação e obscurantismo, tem se mostrado na historiografia contemporânea enquanto um contexto histórico repleto de complexidades, que merecem nossa

atenção. Por fim, vale ressaltar que é necessário que o campo da história das mulheres seja mais abordada ao longo das aulas, em diferentes conteúdos, para que assim, as mulheres sejam reconhecidas enquanto sujeitos ativos e transformadores dos processos históricos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Medida provisória nº 870, de 1º de janeiro 2019.** Medida provisória convertida na Lei nº 13.844, de 2019. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2019/Mpv/mpv870.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Mpv/mpv870.htm)>. Acesso em: 13/02/2019.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2.ed., 1981.

CAIMI, Flávia Eloisa et al. O livro didático e o currículo de história em transição. Passo Fundo: Ediupf, 1999.

DUBY, George; PERROT, Michelle (Coord.). **História das mulheres no Ocidente: O século XX.** Porto: Afrontamento, 1990-1991. 5 v.

INSTITORIS, Heinrich; SPRENGER, Jakob. **O martelo das feiticeiras: Malleus maleficarum.** 9. Ed, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. 528 p.

LE GOFF, Jacques. **O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval.** Edições 70, 1983.

LIMA, Sandra C. F. de. O Livro Didático de História: Instrumento de Trabalho ou Autoridade “Científica”?. **História e Perspectivas.** Uberlândia, 18/19: 195-206, 1998.

MACEDO, José Rivair de. **A mulher na Idade Média.** São Paulo: Contexto, 2001.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 6ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2.ed., 1998.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Tradução de Christine Rufino Dabat. New York: Columbia University Press, 1989.

SILVA, Edlene Oliveira. As filhas de Eva: religião e relações de gênero na justiça medieval portuguesa. **Estudos Feministas,** Florianópolis, v. 19, n. 1, jan./abr. 2011.

SILVEIRA, Marta de Carvalho. A representação da mulher medieval nos livros didáticos: uma visão comparativa. **Revista história comparada**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 80-107, 2017.

TAVARES, Alice. Direitos e deveres das mulheres e homens na Idade Média: o testemunho dos costumes e Foros portugueses. Vínculos de História. **Revista del Departamento de Historia de la Universidad de Castilla – La Mancha**, n. 4., p. 221-227, 2015.

THÉBAUD, Françoise; PERROT, Michelle; DUBY, Georges. **História das mulheres no Ocidente**: vol. V: o século XX. Porto: Afrontamento, 1991. v. 5, p. 95-114.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Metodologia Dialética em Sala de Aula. **Revista de Educação AEC**. Brasília: abril de 1992.

**Livros didáticos utilizados no levantamento:**

AZEVEDO, Gislane Campos; SERIACOPI, Reinaldo. **História e Movimento**. São Paulo: Editora Ática, 2013.

AZEVEDO, Gislane Campos; SERIACOPI, Reinaldo. **História Volume Único**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos. 2020. Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

CARDOSO, Odimar Pontes. **História hoje**. São Paulo: Editora Ática, 1 ed., 2007.  
LIMA, Lizânea de Souza; PEDRO, Antônio. **História Sempre Presente**. São Paulo: FTD, 2010.

VAZ, Maria Luisa; PENAZZO, Sílvia. **Jornadas.hist**. São Paulo: Editora Saraiva, 2. ed., 2012.

**Matérias de jornais utilizadas:**

LUIZ FELIPE BARBIÉRI (Brasília). **Damares diz que na 'concepção cristã' mulher deve ser 'submissa' ao homem no casamento**: Para ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos submissão é uma 'questão de fé'. Ela disse, porém, que visão cristã não a faz 'menos capaz' de comandar o ministério.. 2019. G1, O GLOBO. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/16/damares-diz-que-em-sua-concepcao-crista-mulher-deve-ser-submissa-ao-homem-no-casamento.ghtml>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

MARCEL HARTMANN (Rio Grande do Sul). **Damares para combater a gravidez na adolescência**: A chefe do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos defende que escolas orientem a não fazer sexo. 2020. ZERO HORA. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2020/01/abstinencia-sexual->



[entenda-a-estrategia-da-ministra-damares-para-combater-a-gravidez-na-adolescencia-ck5swry7j0b9o01mv88pk2b2e.html](https://www.faccat.br/revista/entenda-a-estrategia-da-ministra-damares-para-combater-a-gravidez-na-adolescencia-ck5swry7j0b9o01mv88pk2b2e.html)>. Acesso em: 13 fev. 2020.